

palmo e meio

de  
igualdade

Esdimé - Agência para o Desenvolvimento Local no Alentejo Sudoeste

«palmo e meio de igualdade»

Esdime - Agência para o Desenvolvimento Local no Alentejo Sudoeste

Dezembro de 2010

coordenação: Paula Ortiz

tiragem: 1000 exemplares

propriedade: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género

concepção gráfica: O Lado Esquerdo - editora

impressão: Gráfica Almondina - Torres Novas

depósito legal: 321391/10

edição financiada pelo Programa Operacional Potencial Humano

Eixo 7 - Igualdade de Género

Tipologia 7.3. - Apoio técnico e financeiro às Organizações Não Governamentais

A igualdade de género é uma nova forma de vida.  
É um relacionamento novo entre mulheres e homens, que se sabem iguais, que se  
respeitam como iguais, que negociam como iguais.  
A igualdade de género é uma aprendizagem de cidadania.  
Sem ela, as pessoas não conhecem a liberdade.  
E as sociedades não conhecem a paz.

Maria do Céu da Cunha Rêgo

# Ser Mulher é...

... ser mãe.



- ... ser grande.
- ... ir trabalhar.
- ... ler os filhos à escola.
- ... conduzir carros.
- ... lavar a roupa.
- ... estender a roupa.
- ... passar a ferro.
- ... limpar o pó.
- ... ser pessoa.
- ... fazer o jantar.
- ... fazer o almoço.
- ... fazer a cama.
- ... lavar o chão.
- ... limpar os vidros.
- ... dar abraços e beijinhos aos filhos.
- ... e aos maridos.
- ... ir às compras.
- ... pintar as unhas.
- ... arrumar o quarto que os filhos desarrumam.

# Ser Homem é...

... ser adulto.

... ter músculos.

... ser forte.

... dar palmadas a quem se porta mal.

... dormir a sesta.

... ir dar uma volta.

... ir à pesca.

... ir à caça com os cães.

... ir passear com os filhos.

... andar de carro.

... beber vinho.

... beber cerveja e água das pedras.

... ver televisão.

... e' trabalhar.





Para começar...	8
Enquadramento	10
Oficinas de Animação	13
Contexto	17
Fichas de Actividade	18
O meu ser, o meu estar - reflexão	19
Casa e Família	21
Profissões	24
Dia do Pai, Dia da Mãe	26
Histórias e músicas tradicionais	28
Brincadeiras	31
Famílias e Comunidade	35
Conversas de fim de dia	49
«Ler para crescer em Igualdade»	50
«Contar contos, acrescentar pontos»	53
Workshops	57
Linguagem inclusiva	58
«Heroínas e Heroís do Lar»	62
Animação de Rua «Dar Asas à Igualdade»	66
Reflexão e Avaliação	69
Recomendamos (Bibliografia e Webliografia)	72
Para acabar...	78

# ara começar...

8

«Preparando [as crianças] para uma efectiva prática de cidadania, começa no jardim-de-infância a aprendizagem da diversidade e da igualdade de oportunidades, da paridade entre os sexos, da diversidade de culturas, da responsabilidade social de cada pessoa em promover uma sociedade mais democrática e integradora.»

Teresa Vasconcelos, 2007

Guião de Educação Género e Cidadania, Pré-Escolar  
Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género

«Na minha sala são todos iguais, tratados de igual forma». «Não há tratamento diferenciado entre meninos e meninas». «Um trabalho que nos parece mais interessante de desenvolver com as crianças no primeiro ciclo, até pelo tipo de actividades que se podem desenvolver e pelos resultados a obter».

São alguns exemplos das primeiras reacções ao desafio de participação nas Oficinas de Animação dedicadas a um processo de investigação/acção com vista à integração da temática de género no contexto educativo e comunitário e no desenvolvimento de recursos pedagógicos e lúdicos.

Resistências e dúvidas postas de lado, os colectivos de Educadoras de Infância de Castro Verde e Almodôvar e um grupo mais restrito de Educadoras de Ferreira do Alentejo, aceitaram o desafio, ousaram olhar para dentro de si, questionar saberes e vivências adquiridas e enraizadas, para redescobrir com um novo olhar a realidade que nos rodeia. Foram o ponto de partida e o eixo fundamental de um projecto que envolveu, de forma indirecta, as crianças dos seus espaços de jardim-de-infância, as suas famílias, pais e mães e encarregado/as de educação, para chegar também à comunidade local.

Durante mais de um ano lectivo, passo a passo, pouco a pouco, quebraram-se resistências, descobriram-se novos olhares que abriam caminho a outra leitura e a uma nova forma de ver a real situação da igualdade de género nos espaços educativos em contexto de jardim-de-infância. As crianças, os meninos e as meninas deram, sem sombra de dúvida, um contributo muito valioso. A pureza, o realismo e autenticidade dos seus trabalhos, os seus comentários, a forma simples e directa de retratar a sua família, o contexto e espaço envolvente, funcionaram como valiosos indicadores e sinais de alerta de que afinal homens e mulheres não são assim tão iguais no que respeita à igualdade de oportunidades no trabalho, na família, no lazer.

«palmo e meio de igualdade» propõe-se como um guia prático, um suporte e apoio, com pistas e exemplos de actividades que foram experimentadas e desenvolvidas, que podem e devem ser replicadas, adaptadas e melhoradas, sempre com o objectivo de incentivar a reflexão e promover a mudança no sentido de uma sociedade onde homens e mulheres tenham a mesma igualdade de oportunidades.



# enquadramento

10

«A eliminação de estereótipos de género deve constituir uma prioridade da educação e da formação, para que raparigas e rapazes possam ter iguais possibilidades e direitos de escolha ao longo do seu percurso escolar e profissional, na construção dos seus projectos de vida ou nas respectivas participações, a todos os níveis, na vida económica, social e política.»

IV Plano Nacional para a Igualdade  
Género, Cidadania e Não Discriminação – 2011-2013

O Diagnóstico de igualdade de género realizado no concelho de Almodôvar em 2006, no âmbito do projecto «Viver Diferentes, Crescer Iguais – Olhares sobre a Igualdade», promovido pela Esdime no período 2005-2006 no âmbito da Medida 4.4. do POEFDS, permitiu-nos afirmar que a realidade diagnosticada e os dados obtidos em relação a este concelho são muito semelhantes aos que proporcionam as estatísticas nacionais em matéria de igualdade de género. Emergiu, assim, a necessidade de impulsionar algumas mudanças, num percurso para uma situação mais equilibrada do homem e da mulher e dos papéis que ambos desempenham na sua comunidade e nas suas famílias.

O trabalho realizado possibilitou a identificação de um conjunto de pistas para a intervenção:

- › A mudança passa por **intervir em todos os âmbitos em que se dão processos educativos**: reflectir e agir para a igualdade de género na escola, na família, na esfera da educação não formal, nos espaços de informação e de atendimento, nos organismos públicos, etc.
- › A mudança implica que todas as pessoas conheçam os seus direitos e deveres de cidadãos e possam exercê-los, pelo que **são necessários mecanismos que democratizem a informação e reforcem as respostas em relação à discriminação de género e à violência doméstica**.
- › A mudança passa por equilibrar o acesso à formação e ao emprego, através do **desenvolvimento de recursos e estratégias que permitam a homens e mulheres desenvolverem plenamente as suas capacidades** sem serem discriminados com base em estereótipos ou preconceitos.
- › A mudança passa pela **criação e reforço de mecanismos que facilitem a ambos a conciliação** das dimensões social, familiar e profissional.
- › A igualdade de género é uma questão transversal no quotidiano de todas as pessoas, sendo **necessário que as diferentes instituições e agentes sociais encontrem uma definição comum** a partir da qual possam trabalhar esta mudança de maneira articulada.



Este diagnóstico motivou a Esdime a delinear um projecto de investigação-acção com acções directas junto dos públicos, focando operacionalmente o preenchimento destas necessidades. Para tal, estabeleceu uma parceria regional, envolvendo instituições educativas e científicas capazes de assegurar o desencadeamento das acções e o envolvimento do/as beneficiário/as do projecto. Esta rede de parceria compreendeu os Agrupamentos de Escola e os Municípios de Almodôvar, Castro Verde e Ferreira do Alentejo, e o Instituto Politécnico de Beja/ Escola Superior de Educação.

O projecto visou, qualificar educadores/as considerando-os/as agentes fundamentais na construção deste percurso inclusivo, quer ao nível da reflexão, do trabalho e actividades desenvolvidas em contexto de pré-escolar, quer na sensibilização e mobilização dos/as pais/mães e encarregados/as de educação e da comunidade local. De forma indirecta, visou ainda trabalhar e construir com as crianças atitudes, valores e práticas de cidadania participativa e igualitária, em respeito à vivência democrática e ao pleno exercício dos direitos e deveres cívicos.

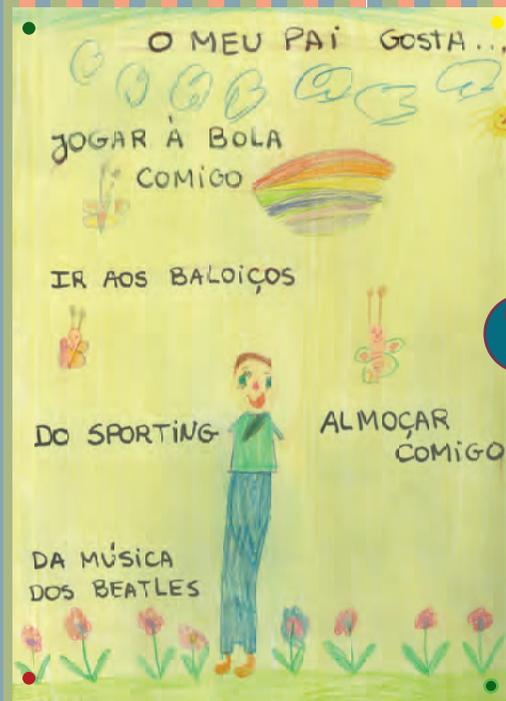


o f i c i n a s

de

a h i m a ç ã o





16

Quando crescer quero  
Ser... Veterinária

JUANA

... quero tratar  
das vacas e das  
orelhas.  
... dar-lhes  
vacinas.



# ontexto

Cada uma/um de nós ao identificarmo-nos social e culturalmente como masculinos ou femininos vamos construindo a nossa identidade de género; essa identidade por outro lado é igualmente construída por todos/todas os/as que nos rodeiam. É uma espécie de (auto)construção, simultaneamente singular e colectiva, onde a participação num determinado género dá forma aos sentimentos e às cognições de cada indivíduo pelo facto de ser homem ou ser mulher.

Esta tomada de consciência é fundamental, de forma a esbater todos os estereótipos e preconceitos utilizados na relação com o/a outro/a.

As oficinas possibilitaram às educadoras esta tomada de consciência e uma identificação da interdependência entre as práticas de coeducação, qualidade de ensino e a forma como cada criança é influenciada pelo comportamento adoptado pelo/as adulto/as que dela se ocupam. Desenvolveu-se um trabalho de sensibilização das capacidades de descodificação dos estereótipos de género e das desigualdades que lhes estão associadas, adoptando para isso um conjunto de práticas educativas indutoras de comportamentos não discriminatórios, no sentido de melhorar a qualidade dos processos educativos.

Ao longo das oficinas foram abordadas as questões de género e os seus principais enquadramentos teóricos e conceptuais. Analisou-se o contexto educativo e a aprendizagem social do género, as suas representações e estereótipos. Trabalhou-se ainda a perspectiva da construção da Identidade Social do Género no Pré-escolar.



ichas de actividade

## ⊙ MEU SER, O MEU ESTAR - REFLEXÃO

Ísto é

Com o objectivo de encontrar um ponto de partida para o trabalho da igualdade de género no contexto de sala, os educadores e educadoras poderão reflectir sobre quais as atitudes, conscientes ou inconscientes, que têm em relação à esta questão no desempenho do seu dia-a-dia profissional.

fazemos assim

Respondemos às seguintes questões de forma individual e pensando bem em cada uma delas. As respostas que obtivermos proporcionarão uma noção da forma como introduzimos e trabalhamos o género em contexto de sala e podem ser um ponto de partida para iniciar algumas mudanças em direcção a uma interacção mais igualitária com as nossas crianças.



- 1 - Como e quando surge o feminino dentro da sala? E o masculino?
- 2 - Quando se realizam interacções, de que forma as fazemos?
- 3 - Como falamos com meninos? e com meninas?
- 4 - Quando utilizamos a critica negativa, como é que fazemos relativamente aos meninos e às meninas?
- 5 - Quando utilizamos o elogio como é que o fazemos relativamente ao menino? e à menina?
- 6 - A quem é que fazemos mais perguntas de forma directa?
- 7 - Quando apresentamos os conteúdos de que modo o fazemos?
- 8 - Que tipo de linguagem utilizamos para explorar os conteúdos?
- 9 - Nos exemplos que damos ou nas analogias que fazemos, como aparece o feminino?

10 - Ao longo deste ano lectivo, de quantas mulheres de referência falámos às crianças? E de quantos homens?

11 – Que expectativa temos dos meninos e das meninas?

12 – O que é para cada um/a de nós um «bom aluno» ou uma «boa aluna»?

13 – Definir um comportamento correcto num menino ou numa menina.

14 – Que profissões associamos à mulher que eventualmente não possam ser desempenhadas por homens e vice-versa?

## atenção

Pode ser interessante partilharmos as nossas respostas com outros/as colegas de profissão e até organizarmos uma pequena sessão de reflexão conjunta a partir do trabalho individual feito com o questionário.





asa e família

## EU DESENHO... UM MENINO... UMA MENINA

isto é

A representação, por parte das crianças de ambos os sexos, é uma forma de reflectir sobre os estereótipos ligados ao género de forma individual e também de forma grupal no contexto de sala. Assim todas as crianças irão realizar um desenho de uma menina e de um menino, sendo integrada por parte do/a educador/a uma perspectiva de género.

fazemos assim



A criança deve desenhar de forma livre um menino e uma menina. Numa metodologia activa e envolvendo todos os elementos do grupo, iremos usar a criatividade através do desenho geométrico e também abstracto, da utilização da cor, da coordenação cognitiva, do desenvolvimento das competências comunicacionais e, no fim, iremos mediar a exposição perante o grupo, de forma a deixar que cada criança faça a sua apresentação/explicação. Para concluir a actividade fazemos uma reflexão final com o grupo de crianças, introduzindo a perspectiva de género.

atenção

Duração da actividade: 1 a 1,5 horas.

Materiais necessários:

- › suporte para desenhar/pintar (papel, cartolinas, etc.)
- › lápis de cor, canetas de feltro, pintura, pincéis, etc.

## EU DESENHO A MINHA CASA... E A FAMÍLIA LÁ DENTRO

Isto é

A utilização do espaço doméstico pode ter uma conotação com as tarefas associadas ao género. O objectivo da actividade é observar se existe alguma correlação entre as formas de representar este espaço doméstico pela crianças e as tarefas tradicionalmente associadas ao género.

fazemos assim

A criança deve desenhar de forma livre a sua casa, com as várias divisões, indicando quem utiliza com mais frequência cada um dos espaços da casa e as tarefas que são retratadas. Numa metodologia activa e envolvendo todos os elementos do grupo, iremos usar a criatividade através do desenho geométrico e também abstracto, utilização da cor, da coordenação cognitiva, desenvolvimento das competências comunicacionais e, no fim, iremos mediar a exposição perante o grupo, de forma a deixar que cada criança faça a sua apresentação/explicação. Para concluir a actividade fazemos uma reflexão final com o grupo de crianças, introduzindo a perspectiva de género.



atenção

Duração da actividade: 1,5 a 2 horas.

Materiais necessários:

- › suporte para desenhar/pintar (papel, cartolinas, etc.)
- › lápis de cor, canetas de feltro, pintura, pincéis, etc.



24

## QUANDO FOR GRANDE, EU QUERO SER...

Isto é

Com o objectivo de trabalhar os estereótipos que possam surgir em relação às profissões integrando a perspectiva de género, as crianças irão desenhar vários/as profissionais, sendo que deve existir a mesma profissão no masculino e no feminino

fazemos assim

Numa metodologia activa e envolvendo todos os elementos do grupo, iremos usar a criatividade através do desenho geométrico e também abstracto, utilização da cor, da coordenação cognitiva, desenvolvimento das competências comunicacionais e, no fim, iremos mediar a exposição perante o grupo, de forma a deixar que cada criança faça a sua apresentação/explicação. Para concluir a actividade fazemos uma reflexão final com o grupo de crianças, introduzindo a perspectiva de género.

25

atenção

Duração da actividade: 1,5 a 2 horas.

Materiais necessários:

- › suporte para desenhar/pintar (papel, cartolinas, etc.)
- › lápis de cor, canetas de feltro, pintura, pincéis, etc.

**d**ia do pai, dia da mãe

## EU ESCOLHO UMA PRENDA PARA...

**I**sto é

Com o objectivo de trabalhar os estereótipos que possam surgir na eleição/representação de prendas para a mãe e para o pai, integrando a perspectiva de género, iremos reflectir sobre esta questão e construir prendas não sexistas.

**f**azemos assim

Identificamos que tipo de prendas as crianças criaram para os últimos «Dia da Mãe» e os últimos «Dia do Pai» tentando fazer uma reflexão sobre os últimos 5 anos. Devemos colocar a nós próprio/as perguntas como: Essas prendas podem ser associadas ao universo doméstico ou ao universo de lazer? Existe alguma predominância?

A metodologia a utilizar é activa e deve envolver todos os elementos do grupo na construção de recordações para o dia da mãe e para o dia do pai sem terem conotações sexistas.

27

**a**tenção

Duração: 1,5 a 2 horas

Os materiais necessários vão depender do tipo de prendas que serão construídas para dar às mães e aos pais.

**h**istórias

e músicas tradicionais

## UMA HISTÓRIA TRADICIONAL... OU NÃO!

Ísto é

No decorrer das rotinas diárias, o/a educador/a escolhe uma história de preferência do grupo que possa ser trabalhada, possibilitando ao grupo o experienciar uma história já conhecida, mas agora integrando a perspectiva de género.

fazemos assim

Numa metodologia activa iremos facilitar e mediar a discussão no grupo, auxiliando-o com novas formas de pensar/sentir, envolvendo todos os elementos, podendo recriar, por exemplo, um pequeno teatro. Deveremos trabalhar o desenvolvimento das competências comunicacionais e a exposição perante o grupo.

atenção

Duração: 1,5 a 2 horas



## UMA MÚSICA TRADICIONAL... OU NÃO!

Isto é

No decorrer das rotinas diárias, o/a educador/a escolhe uma música de preferência do grupo que possa ser trabalhada, possibilitando ao grupo o experienciar uma música já conhecida, mas agora integrando a perspectiva de género.

fazemos assim

30

Numa metodologia activa iremos facilitar e mediar a discussão no grupo, auxiliando-o com novas formas de pensar/sentir, envolvendo todos os elementos do grupo, trabalhando o desenvolvimento das competências comunicacionais e a exposição perante o grupo.

atenção

Duração: 1,5 a 2 horas



## NA CASINHA OU NAS CONSTRUÇÕES?

isto é

A actividade visa possibilitar ao/à educador/a fazer uma reflexão sobre as dinâmicas criadas nos espaços de jogo, tradicionalmente ligados ao género feminino e ao género masculino, e como o género pode influenciar nestas dinâmicas.

fazemos assim

3 2

A metodologia utilizada é a da observação. Na sala, deveremos observar quem utiliza mais o espaço da casinha e observar quem utiliza mais o espaço de construção. Deveremos responder e reflectir sobre estas questões:

Que tipo de dinâmicas são estabelecidas entre os meninos? Que tipo de dinâmicas são estabelecidas entre as meninas? Quando um grupo de meninos e meninas está no espaço da casinha, que dinâmicas se podem observar? Quando um grupo de meninos e meninas está no espaço de construção, que dinâmicas se podem observar?

atenção

Recomenda-se que o resultado da observação possa ser reflectido em grupo.

## NO RECREIO

Isto é

Com o objectivo de possibilitar ao/à educador/a fazer uma reflexão sobre as dinâmicas criadas e a forma como o género pode influenciar estas dinâmicas, será realizada uma observação das dinâmicas das crianças durante o tempo do recreio/jogo livre.

fazemos assim

A metodologia utilizada é a da observação. No recreio, deveremos observar as crianças e tentar responder e reflectir sobre estas questões:

Durante o tempo livre que actividades espontâneas são partilhadas pelas meninas? Que actividades espontâneas são partilhadas pelos meninos? Existe alguma clivagem de género? Quando desenvolvem actividades espontâneas mistas, que papel/função é atribuída às meninas e que papel/função é atribuído aos meninos?

atenção

Se possível, recomenda-se que o resultado da observação possa ser reflectido em grupo.





famílias

e

comunidade



36

«Ler para crescer em igualdade» - Almodôvar, Castro Verde e Ferreira do Alentejo



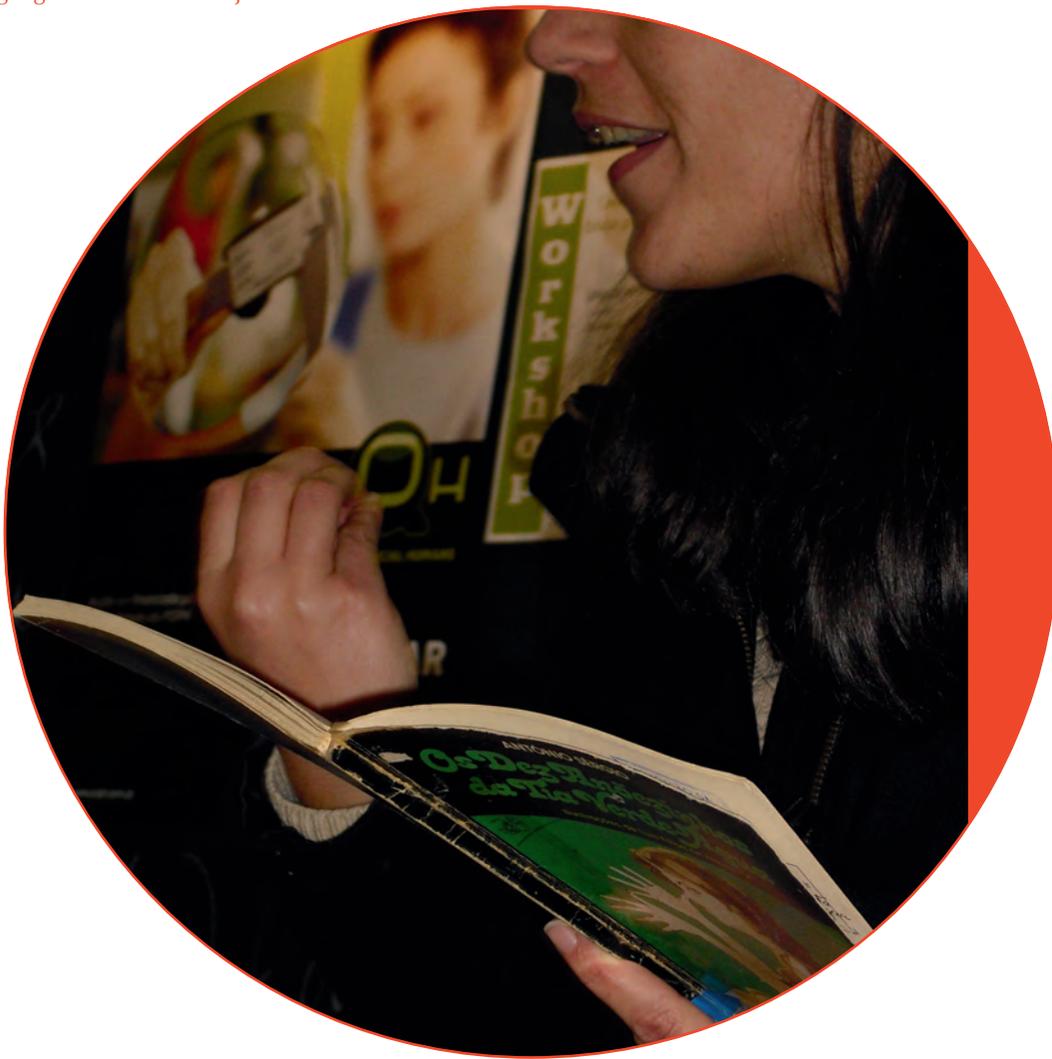




Workshop «Linguagem inclusiva» - Beja



Workshop «Linguagem inclusiva» - Beja





42



«Heroínas e heróis do lar» - Almodôvar, Castro Verde e Figueira dos Cavaleiros

«Heroínas e heróis do lar» - Almodôvar, Castro Verde e Figueira dos Cavaleiros



Oficinas «Dar asas à igualdade» - Almodôvar



44





Animação de rua «Dar asas à igualdade» - Almodôvar

fotografias de Cristiano Duarte (Município de Almodôvar)



46



Animação de rua «Dar asas à igualdade» - Almodôvar



fotografias de Cristiano Duarte (Município de Almodôvar)



Animação de rua «Dar asas à igualdade» - Almodôvar



47

fotografias de Cristiano Duarte (Município de Almodôvar)



Animação de rua «Dar asas à igualdade» - Almodôvar



48

fotografias de Cristiano Duarte (Município de Almodôvar)

# onversas de fim de dia

# 1er para crescer em Igualdade

50

## Ísto é

Através do humor, fazer reflectir os/as participantes - pais, mães e educadores/as do pré-escolar ou outros elementos da comunidade - sobre a igualdade de género. Colocando as histórias no centro da actividade, cada um/a dos/as participantes não é apenas um/a espectador/a da sessão de contos mas sim um/a participante activo/a na construção das histórias que se assume como «construtor/a» de igualdade. Cada conto, cada história é uma reflexão caricata sobre a realidade e se a história é sobre o nosso dia-a-dia de homens e mulheres, obviamente que nos podemos rever - a nós e às/ aos vizinho/as - em múltiplas situações que nos fazem rir, mas que ao mesmo tempo nos obrigam a pensar e a fazer algumas mudanças na nossa maneira de agir enquanto homens e mulheres que constroem uma sociedade.

## fazemos assim

A sessão decorre como uma sessão de contos para adultos onde há um/a contador/a que vai narrando diferentes histórias e convida o público a interagir e a participar nelas.



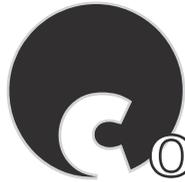
## atenção

A actividade tem uma duração de 2 horas aproximadamente e o número ideal de participantes (adultos) oscila entre 10 e 20.

O espaço de realização pode ser uma sala ou, se estiver bom tempo, pode ser realizada ao ar livre.

Convidar um/a contador/a profissional de histórias é quase um imperativo na realização desta actividade. Alguém que saiba, desde o primeiro minuto, como cativar o público para ouvir, deixará marcas muito mais profundas na mensagem que se pretende passar ao auditório; por isso é também muito importante que a sessão seja minuciosamente preparada entre o/a técnico/a responsável pelo projecto e o/a contador/a de histórias, para ambos trabalharem na consecução dos mesmos objetivos.





contar contos  
e acrescentar pontos

isto é

A actividade centra-se na análise conjunta, com pais, mães e educadores/as do pré-escolar, de livros de contos tradicionais ou de outros mais modernos que estejam disponíveis na biblioteca local ou na biblioteca escolar, para que os possamos olhar a partir de uma perspectiva de igualdade de género. Ao colocarmos os «óculos da igualdade» iremos verificar que muitas das histórias - assim como as ilustrações que as acompanham - que contamos às nossas crianças reproduzem estereótipos de género tais como: a passividade e a fragilidade da mulher versus a pro-actividade do homem, a valorização de qualidades como a força ou a inteligência apenas nas personagens masculinas assim como a valorização da beleza e da prudência nas personagens femininas. O objectivo da actividade é perceber, enquanto adultos, os estereótipos de género nas histórias infantis, para depois as podermos trabalhar, de forma consciente, junto das crianças.

54

fazemos assim

A actividade divide-se em quatro partes.

Na primeira parte, dinamizamos o jogo das personagens com personagens dos contos: estamos em círculo e a todas as pessoas é colocado um «post-it» na testa com o nome de uma personagem, que não sabem qual é. O exercício é tentar adivinhar de quem se trata, colocando perguntas, às e aos demais participantes, sobre as possíveis qualidades e atributos das personagens que estão a simbolizar. No final desta dinâmica, a reflexão deverá centrar-se nos adjectivos que usamos para identificar as personagens: É homem/mulher? É bonito/a?, É corajoso/a? É inteligente?, e a quem são atribuídos, se a personagens femininas ou masculinas. As personagens a usar podem ser o lobo mau, o capuchinho vermelho, a Cinderela, o gato das botas, o príncipe encantado, etc.

Na segunda parte, lemos um conto não-sexista: a sugestão vai para o livro «La Cenicienta que no quería comer perdices», está em castelhano e pode ser consultado em <http://www.mujiresenred.net/IMG/pdf/lacenicientaquenoqueriacomerperdices.pdf>, há mais informação sobre ele em <http://nunila-myriam.blogspot.com>, e também foi publicado no Brasil pela editora Planeta com o título «A Cinderela mudou de ideia».

A seguir, podemos propor aos/as participantes que escrevam uma nova versão de um conto infantil tradicional, que seja um nadinha sexista, como por exemplo «A princesa e a ervilha» ou a «Branca de Neve». Propomos a divisão em pequenos grupos, que irão reescrever a história, alterando o que acharem necessário para que o conto se adapte a uma realidade de igualdade. As propostas podem girar em torno da mudança do ou da protagonista e dos acontecimentos ou da própria mudança de atitudes das/os personagens sendo estas mais igualitárias do ponto de vista de género.

Para terminar - e tendo sido previamente realizado um trabalho de pesquisa na biblioteca onde a actividade decorre - podemos mostrar aos/as participantes na actividade uma série de livros como exemplo do bom e do mau, no que respeita à igualdade de género, que temos ao nosso alcance. Podemos escolher algumas publicações muito, mas mesmo muito sexistas, como é o caso dos desenhos e das histórias da Disney, cheias de princesas indefesas e de machos salvadores e também de outras publicações aparentemente inócuas mas que revelam - ou nas histórias ou nas ilustrações - uma série de atitudes muito desiguais no que diz respeito ao género, como por exemplo a passividade das personagens femininas versus a pro-actividade das personagens masculinas. Um livro que serve para reflectir sobre a partilha (ou neste caso a não partilha) doméstica é «O livro dos porquinhos» de Anthony Browne da editora Kalandraka e que pode ser trabalhado na sessão pela sua simplicidade e forma directa de ilustrar a realidade de muitos lares. É de salientar que não é necessário considerar estes exemplos de livros e histórias como bons ou maus, e por isso estigmatiza-los. Precisamos sim, de ter em conta a mensagem de género que passam, para podermos reflectir sobre ela com as nossas crianças, os nossos/as filhos/as e alunos/as.



## atenção

Duração: 2 horas, aproximadamente.

Número de participantes: o ideal é entre 8 e 20 adultos.

Lista de material necessário/detalhes técnicos:

- › canetas
- › papel
- › «post-it»
- › livros e publicações com contos infantis, tradicionais e modernos.
- › sala com cadeiras para pôr em roda





# 1 linguagem inclusiva

58

isto é

A actividade centra-se no questionamento/reflexão conjunta, com pais, mães e educadores/as do pré-escolar sobre a neutralidade das nossas práticas, nomeadamente se usamos linguagem sexista, se lidamos diferentemente com interrupções ou intervenções de meninas e meninos; se temos percepções diferentes do insucesso escolar; sobre a forma como mulheres e homens, meninas e meninos, são tratadas/os e retratadas/os no espaço público, privado e social; sobre como estas questões se reflectem na utilização que fazemos da linguagem nos seus vários domínios – verbal, escrita, visual.

O objectivo da actividade é perceber, enquanto adultos/as, a forma como a linguagem está marcada pela história e hegemonia masculina e as suas consequências na construção de identidade de meninas e meninos, e a necessidade de intervir para a mudança no sentido de que homens e mulheres tenham a mesma visibilidade e simetria.

fazemos assim

A actividade divide-se em quatro partes.

Para começar, um pequeno jogo que permita aos/às participantes conhecerem-se melhor, através da identificação das suas principais características. Assim recortam-se, em papel, laços e gravatas, que são distribuídos a cada um/uma dos/as participantes. Cada participante tem de escrever no seu laço ou gravata, duas verdades e uma mentira a seu respeito. O desafio é conseguir descobrir, a partir da observação de todos/as, a mentira de cada um/a. Para além de descontrair, este jogo facilita a introdução das questões da igualdade. Naturalmente, a mentira que se escreve está relacionada com saberes e características que atribuímos ao sexo oposto.

Na segunda parte, com vista a fazer um breve diagnóstico de percepção e entendimento do significado e importância da utilização de uma linguagem inclusiva, organizam-se pequenos grupos de 3 a 4 pessoas que se vão debruçar sobre a questão: «Porque é que a prática de uma linguagem sexista (não inclusiva) pode prejudicar as crianças em termos de igualdade de oportunidades?» As conclusões são discutidas em conjunto e seguidas de uma apresentação/contextualização das questões da linguagem; da invisibilidade do feminino; da universalidade e generalização do masculino referindo alguns exemplos e casos práticos, recomendações do Conselho da Europa e dos Planos para a Igualdade.

Na terceira parte, podemos refazer os grupos, distribuir alguns exemplos de materiais sociais (cartas, informações, convocatórias) que fazem parte do nosso dia-a-dia, desafiando os/as intervenientes a rescreverem esses materiais sob uma perspectiva de linguagem inclusiva. A terminar esta actividade, cada grupo apresentará a sua versão da informação que trabalhou/rescreveu, debatendo em conjunto as alterações propostas e a sua importância.



Deixamos aqui um pequeno exemplo, de muitos, como base de trabalho.

Objectivos das aulas de inglês:

- › Promover o desejo nos alunos de aprender e brincar em inglês,
- › Contribuir para o desenvolvimento do aluno como um todo,
- › Motivar os alunos a comunicar em inglês através de exercícios e actividades reais e desafiantes,
- › Apresentar ao aluno a função e globalidade da língua inglesa no mundo contemporâneo.

Para terminar, propõe-se uma partilha e discussão em grupo em torno de livros/ publicações, previamente seleccionados pelos/as participantes na biblioteca da escola, do município ou da sua própria casa, como modelos de comunicação que utilizam uma linguagem sexista e discriminatória, mesmo que por vezes essa linguagem apareça de uma forma quase subtil e aparentemente neutra.

O objectivo é despertar uma atitude crítica, utilizando os recursos que temos ao dispor e com que lidamos nas nossas rotinas diárias, e sensibilizar para a importância que assume a utilização de linguagem inclusiva e não discriminatória na promoção do equilíbrio e visibilidade de homens e mulheres, na história, na vida e na sociedade que estamos permanentemente construindo.

Se esta actividade for mais vocacionada para um contexto de análise e discussão de estereótipos nos contos infantis tradicionais ou contemporâneos, listamos também algumas questões e aspectos a analisar que podem servir como base para a discussão dos grupos de trabalho:

- › Título do conto
- › Número de personagens femininos e masculinos
- › Caracterização geral das personagens femininas
- › Caracterização geral das personagens masculinas
- › Denominação das personagens femininas e masculinas (como se dirigem a eles/as as outras personagens do conto)
- › Estereótipos relacionados com as personagens femininas
- › Estereótipos relacionados com as personagens masculinas



## atenção

Duração: 2 horas aproximadamente.

Número de participantes: o ideal é entre 8 e 20 adultos.

Lista de material necessário/detalhes técnicos:

- › canetas
- › papel
- › «post-it»
- › livros e publicações com contos infantis, tradicionais e modernos.
- › sala com cadeiras para pôr em roda

# h eroínas e heróis do lar

62

isto é

A ideia fundamental do *workshop* «Heroínas e heróis do lar» é conceder ao trabalho doméstico a importância que merece, tendo a noção exacta do tempo e do esforço necessário para conseguir coisas - que parecem tão simples - como ter o jantar na mesa a tempo e horas, roupa lavada e passada nos armários, os pratos limpos e a casa arrumada. Propõe-se aos/às participantes que façam deste *workshop* a sua casa, tudo o que é preciso fazer - antes e depois - para desfrutar de uma bela refeição em família, devendo fazê-lo sem preconceitos de género, por isso todos e todas vão estacionar o carro na garagem, coser um botão, arrumar a casa, cozinhar ou pregar um prego.

fazemos assim

A actividade está sub-dividida em oito desafios e cada um/a dos/as participantes deve realiza-los todos.



As actividades propostas são:

Pregar um prego, coser um botão, passar uma peça de roupa a ferro, estacionar um carro de brinquedo numa garagem feita com Lego, cozinhar, pôr a mesa, arrumar os brinquedos das crianças e lavar a loiça.

Cada vez que um/a participante consegue concretizar uma tarefa, ganha um autocolante de uma cor que determina que já cumpriu aquela tarefa. Apenas quando todos/as os/as participantes têm os oito autocolantes de cores diferentes no seu avental - que receberam no início da actividade e que devem usar ao longo do workshop - poderemos considera-las/los heroínas e heróis do lar.

## atenção

O número ideal de participantes é de 10 a 15 famílias. Se houver mais participantes será interessante ter mais um/a animador/a para dinamizar o *workshop*.

A actividade tem uma duração (com o período de almoço ou jantar incluído) de 5 horas.

O/as animadores/as técnicos/as necessários/as para a realização do *workshop* são quatro: 1 técnico/a para apresentar a actividade e dar apoio logístico, um/a animador/a para dinamizar as tarefas domésticas, 2 co-zinheiros/as para ajudar na elaboração da ementa.

Se houver possibilidade de oferecer um avental aos/às participantes (por exemplo com uma alusão à igualdade de género ou com o nome do *workshop*) é um objecto que assume uma dimensão interessante porque identifica as pessoas que participam e as torna «iguais». Por outro lado, o avental é uma forma engraçada de ir marcando os desafios cumpridos por cada uma das pessoas, colando neles os autocolantes às cores.

O espaço para realizar a actividade será, de preferência, uma cozinha com refeitório, onde a refeição pode ser elaborada na cozinha e o resto do *workshop* doméstico no espaço do refeitório, lugar onde os/as participantes também poderão desfrutar do almoço/jantar convívio que eles e elas prepararam.

A lista de materiais necessários para a realização da actividade é a seguinte:

- › Cartazes para assinalar cada uma das provas.
- › Aventais, um para cada uma das pessoas que irão participar.



- › Autocolantes de oito cores diferentes de forma a que todas as pessoas possam ter oito autocolantes no avental, um de cada cor.
- › Um saco de *Legó* ou peças de construção.
- › Um ferro de engomar, uma tábua de engomar e várias peças de roupa.› Um pedaço de madeira, um prego e um martelo.
- › Um carrinho telecomandado e pilhas.
- › 10 brinquedos infantis para espalhar pela sala.
- › Tecidos, botões, agulhas e linha de coser.
- › Géneros alimentares necessários para realizar a ementa escolhida pela organização.
- › Mesas, cadeiras, copos, talheres e guardanapos para todos/as os/as participantes.

As actividades especificadas estão exclusivamente dirigidas aos/às adultos/as, por isso, se se prevê uma grande afluência de crianças, em especial das mais novas, é interessante assegurar uma pessoa que dina-mize algumas actividades infantis paralelamente ao *workshop* dos adultos.

 dar asas à igualdade



a animação de Rua «Dar asas à igualdade», mais que um espectáculo, foi um processo que envolveu muitos/as actores/as, que implicou muito trabalho, amizade, companheirismo e cumplicidade.

Foi uma actividade com muitos tempos dentro do mesmo tempo.

De dia, nas oficinas, era a construção, o corta e cola, o olhar atento às formas que se iam desenhando, que iam ganhando corpo e alma. Era o entusiasmo na descoberta de novos saberes. O rebuliço dos jovens rapazes e raparigas, a curiosidade dos/as mais pequenitos/as sempre a meter o nariz no que por lá se ia fazendo, o apoio e disponibilidade de docentes e auxiliares.

À noite, eram os encontros com os grupos corais, separados pela distância. Procuravam-se as modas, discutiam-se as melhores letras, falava-se do despique, de como era antigamente, das danças de roda, de como chegar à sintonia das vozes, de como 'fazer' igualdade.

No entanto, era a azáfama de fazer com que tudo funcionasse e se articulasse na perfeição: na logística, no espaço, na harmonia e na magia do envolvimento de todos/as os/as actores/as.

No final a noite ganha jeito de romaria e alegria. As peças vão-se encaixando e dando lugar ao espectáculo, num misto de imaginação e figuração que simula o conflito entre homem e mulher num desentendimento sem sentido, numa relação de desigualdade que a ninguém beneficia. Entre arrufos e discussões, ninhada perdida e desorientada, o casal de personagens ainda anda e canta ao despique, mas acaba por se entender e partilhar o momento, num gesto de harmonia, em que decidem, de igual para igual, «dar asas à Igualdade».



reflexão

e

avaliação

Olhamos para trás com a certeza que concluímos um processo.

Mas sabemos também que esta é apenas uma etapa do caminho, que abre as portas à continuidade de um percurso onde temos ainda muitos passos para dar, muitos obstáculos a contornar. Não se mudam concepções interiorizadas, por anos e práticas que sempre aceitámos e olhámos como positivas, de um momento para o outro. Não é um clique, não é um botão, não é uma luz que se acende. É um sistema que nos obriga a pensar, a olhar para nós, a questionar/ reflectir sobre a forma de ser, de fazer e saber fazer.

Não é fácil aceitar que o que dávamos por certo e adquirido, afinal está pleno de subtilezas enganadoras, que nos deixam acreditar e nos convencem que somos todos/as iguais, que nos nossos espaços sociais, familiares e profissionais, não fazemos diferenças, não olhamos de forma desigual, não utilizamos linguagem gestual ou verbal, que discrimine em função do sexo.

Será que agimos mesmo de forma igual?

Foi este o primeiro desafio lançado nas actividades do projecto, em particular nas Oficinas de Animação, que envolveram as Educadoras de Infância dos concelhos de Almodôvar, Castro Verde e Ferreira do Alentejo.

Questões como: «Que expectativas tenho em relação aos meninos e às meninas? Quais as profissões que considero que podem ser desempenhadas por homens e por mulheres? Qual a linguagem utilizada e como utilizo as terminações, maioritariamente no feminino ou no masculino?» foram o ponto de partida para a reflexão individual, que foi depois alargada ao colectivo. Surgiram algumas dificuldades, sendo a primeira a resistência em aceitar as nossas fragilidades na forma de trabalhar a igualdade. O facto de se colocarem as questões e de, com maior ou menor vontade, nos impormos pensar nelas, já é muito significativo, pois as perguntas acabam sempre por nos voltar à memória, principalmente quando estamos a agir e ousamos duvidar da nossa certeza.

Sendo a reflexão uma etapa fundamental, o conhecer e aprofundar de novos conceitos, saberes, experiências diferenciadas, assume também um papel importante. Por isso, nas Oficinas de Animação se procurou conhecer e debater ideias e ideais sobre igualdade, diversidade e cidadania, sexo e género, papéis sociais, percurso histórico do feminismo em Portugal, orientações definidas no âmbito da Igualdade - de que são exemplo os Planos Nacionais para a Igualdade.

Falou-se ainda da Linguagem; de como ela invade de estereótipos o nosso dia-a-dia; da universalidade do masculino que remete o feminino para uma invisibilidade permanente; de como, sem querer, nunca tínhamos pensado «nisso», tratando seriamente de chamar os nossos meninos, de convocar os pais, como se as meninas e as mães, fossem parte passiva e não activa deste universo.

O campo da experimentação, foi sem dúvida uma parte fundamental, um auxiliar precioso que permitiu ter sempre em confrontação a teoria do que aprendemos com a realidade das nossas vivências. A partir das práticas e actividades do dia-a-dia dos jardins-de-infância, foi possível aferir a realidade das nossas representações sociais, do que significa para as nossas crianças ser menino e ser menina, ser homem e ser mulher, ser pai e ser mãe, de como visualizam e interiorizam o funcionamento das suas famílias. Com pequenas diferenças, nas diversas actividades desenvolvidas, a mulher aparece maioritariamente associada, pelas crianças, à esfera doméstica – lavar roupa, lavar a louça, passar a ferro, cozinhar, cuidar dos/as filhos/as, e o homem associado à esfera social – ver televisão, passear os/as filhos/as, beber cerveja com os amigos.

Percebemos também que as nossas rotinas ajudam e contribuem para a vinculação e perpetuação dos estereótipos de género - nas histórias, cantigas, lengalengas, jogos; no recreio com o jogar à bola e saltar a corda; nas brincadeiras que, apesar de parecerem comuns, assumem papéis diferenciados. Por isso, o desafio foi o de utilizar o material e recursos que existem, dar-lhe novos conteúdos, desconstruir e reconstruir novas histórias, novas cantigas, novos jogos, apelando à nossa e à imaginação das crianças, tornando perceptível que todos e todas são capazes de ser e fazer todas as coisas.

No dizer das educadoras «As actividades realizadas foram diversificadas. Uma foram resultado da aplicação de estratégias inovadoras e outras consequência natural das rotinas organizacionais e curriculares. Houve actividades aplicadas especificamente para dar resposta ao projecto e outras que foram aproveitadas para constituir reflexão por parte da educadora. Foi sempre com entusiasmo e motivação que se procedeu individualmente ou em grupo à análise reflexiva dos resultados. Neste grupo as crianças são sensíveis, possuem grande capacidade de análise e espírito crítico. Estão habituadas a uma rotina diária de envolvimento, observação e avaliação do que acontece na vida do grupo. Logo, captar a sua atenção e interesse para a reflexão crítica e conscienciosa entre pares, foi tarefa facilitada».

Olhamos para a frente, para o futuro e acreditamos que abrimos, em conjunto, novas janelas de oportunidade. As Oficinas de Animação foram apenas um começo, um despertar e sensibilizar. Para que possam valer mesmo a pena, temos que permanentemente aprofundar e interiorizar as suas aprendizagens, mantendo os sinais de alerta e atenção nas nossas práticas do dia-a-dia, trabalhando no sentido de que as nossas crianças possam crescer na diversidade, percebendo que, à partida, todos e todas temos as mesmas capacidades e potencialidades para ser e crescer em igualdade.

«É importante que não fiquemos só (!) a pensar (...) temos que apostar, acreditar com convicção, na mudança de atitudes com um discurso de qualidade, sem conteúdos sexistas na linguagem, para a promoção de uma pedagogia educativa que proporcione a mesma igualdade de oportunidades para todas as crianças e a pouco e pouco ir-se passando a mensagem que, por muito pequena que seja, acaba sempre por fazer toda a diferença nas vivências das crianças dentro e fora do jardim-de-infância, junto das suas famílias e até da própria comunidade onde as mesmas estão inseridas.»



recomendamos...

72



bibliografía



webliografía



## EDUCAÇÃO E IGUALDADE

AAVV, *Coeducar para uma sociedade inclusiva. Actas do Seminário Internacional*, Lisboa, CIDM, 2000.

AAVV, *Em Busca de uma Pedagogia da Igualdade*, Lisboa, CIDM, 1995.

ABRANCHES, Graça, CARVALHO, Eduarda. *Linguagem, poder e educação: o sexo dos b,a,bas*, Lisboa, CIDM, 1999.

ACIOLY-REGNIER, «As matemáticas e o género: a propósito dos efeitos de variáveis socioculturais das práticas de ensino-aprendizagem no sucesso escolar e nos projectos profissionais dos alunos» *in Meios escolares e questões de género: elementos de reflexão para a prática do ensino*, Lisboa, CIDM, 1999, 13-19.

ACIOLY-REGNIER, Nadja, FILIOD, Jean-Paul, MORIN, Christine, *Meios escolares e questões de género: elementos de reflexão para a prática do ensino*, Lisboa, CIDM, 1999.

ALARIO TRIGUEROS, Teresa et al., *Identidade e Género na prática educativa*, Lisboa, CIDM, 1999.

AMÂNCIO, Lígia, *Masculino e Feminino. A construção Social da Diferença*, Porto, Afrontamento, 1994.

ARAÚJO, Helena Costa, HENRIQUES, Fernanda, *Política para a Igualdade entre os sexos em Educação em Portugal. Uma aparência de realidade*, ex aequo, nº 2/3, 2000, 141-151.

ARNESEN, Anne-Lise, *Relações sociais de sexo, igualdade e pedagogia na educação no contexto europeu*, ex aequo, nº 2/3, 2000, 125-140.

BARRENO, M<sup>a</sup> Isabel, *O Falso Neutro*, Lisboa, I.E.D., 1985.

BETTENCOURT, Ana, CAMPOS, Joana, FRAGATEIRO, Lourdes, *Educação para a Cidadania*, Lisboa, CIDM, 1999.

BLOCKEEL, Francesca, «Mulheres no Romance Histórico Infanto-Juvenil Português dos anos 80», *in* AAVV, *O Rosto Feminino da Expansão Portuguesa II*, Lisboa, CIDM, 1995, 667-682.

BOZZI TARIZZO, Gisela, De MARCHI, Diana, *Orientação e identidade de género: a relação pedagógica*, Lisboa, CIDM, 1999.

CATANI, Denice, et al., «Os Homens e o Magistério: as vozes masculinas nas narrativas de formação», *Revista Portuguesa de Educação*, 11 (1), 1998, 5-22.

COSTA, Adélia, *Representações sociais de homens e de mulheres*, Portugal 1991, Lisboa, CIDM, 1992.

FERNANDES, Rogério, «Génese e consolidação do sistema educativo nacional (1820-1910)», *Revista de educação*, vol. 7, nº 1, 1998, 35-47.

FILIOD, Jean Paul, «Observações sociológicas sobre a feminização da profissão docente», in *Meios escolares e questões de género: elementos de reflexão para a prática do ensino*, Lisboa, CIDM, 1999, 21-30.

FONSECA, José Paulo, *Representações femininas nos manuais escolares de aprendizagem da leitura do 1º ciclo do ensino básico*, Lisboa, CIDM, 1994.

HENRIQUES, Fernanda, *Em Busca de Uma Pedagogia da Igualdade*, Inovação, nº 9, 1996, 127-137;

HENRIQUES, Fernanda, JOAQUIM, Teresa, *Os Materiais Pedagógicos e o Desenvolvimento de uma Educação para a Igualdade entre Sexos*, Lisboa, CIDM, 1995.

HENRIQUES, Fernanda, PINTO, Teresa, «Em Busca de uma Pedagogia da Igualdade: o peso da variável sexo na representação de Bom Aluno», in Albano Estrela et al. (eds), *Formação, Saberes Profissionais e Situações de Trabalho*, Lisboa, AFIRSE Portuguesa/FPCEUL, vol. 2, 1996, 295-308.

INSTITUTO DE LA MUJER, *Elige bien: un libro sexista no tiene calidad*, Madrid, Instituto de la Mujer, 1996.

LEAL, Ivone, *A imagem feminina nos manuais escolares*, Lisboa, CCF, 1979.

MARTELO, Maria de Jesus, *A Escola e a Construção da Identidade das Raparigas*. O exemplo dos manuais escolares, Lisboa, CIDM, 1999.

MICHEL, Andrée, *Não aos estereótipos – vencer o sexismo nos livros para crianças e nos manuais escolares*, S. Paulo, UNESCO, 1989.

MONGE, Maria Graciete, ROSÁRIO, Maria José do, CAÑAMERO, Gisela, *A criatividade na coeducação: uma estratégia para a mudança*, Lisboa, CIDM, 1999.

MORIN, Christine, «Apresentação de alguns factores de variação do desempenho das raparigas e dos rapazes no contexto escolar», in *Meios escolares e questões de género: elementos de reflexão para a prática do ensino*, Lisboa, CIDM, 1999, 31-37.

MOSCONI, Nicole, «La mixité scolaire: socialisation différentielle ou éducation à l'égalité?», in AAVV, *Coeducar para uma sociedade inclusiva*. Actas do Seminário Internacional, Lisboa, CIDM, 2000.

NETO, Félix, et al. (org.), *Igualdade de Oportunidades e Educação Formação de Docentes*, Lisboa, Universidade Aberta, 1997.

NETO, Félix, et al. (org.), *Igualdade de Oportunidades, Género e Educação*, Lisboa, Universidade Aberta, 1999.

NETO, António et al., *Estereótipos de género*, Lisboa, CIDM, 1999.

NUNES, Luísa A., «As Mulheres e a Tomada de Decisões no âmbito da Educação», in Félix Neto et. al. (org.), *Igualdade de Oportunidades e Educação. Formação de Docentes*, Lisboa, Universidade Aberta, 1997, 185-196.

PINTO, Teresa, *Igualdade de Oportunidades e Formação de Docentes*, *Psicopedagogia, Educação e Cultura*, 1, 1997, 131-138.

PINTO, Teresa, *Caminhos e encruzilhadas da Coeducação*, ex aequo, nº 1, 1999a, 123-135.

PINTO, Teresa, «A Avaliação dos Manuais Escolares numa perspectiva de Género», in R.V. Castro et al. (org.), *Manuais Escolares. Estatuto, Funções, História*, Braga, Universidade do Minho, 1999, 387-395.

ROMÃO, Isabel, *Distorções sexistas nos materiais pedagógicos. Como identificá-los e como evitá-los*, Lisboa, CCF, 1989.

SILVA, Ana da, et al., *A Narrativa na promoção da igualdade de género. Contributos para a educação pré-escolar*, Lisboa, CIDM, 1999.

TORRES, Julio, *El curriculum oculto*, Madrid, Morata, 1992.

## LINGUAGEM

ABRANCHES, Graça, *Guia para uma Linguagem Inclusiva promotora da Igualdade entre Mulheres e Homens na Admi-nistração Pública*

Council of Europe, *Recommendation n° 5 (90) 4 of the Committee of Ministers to Member States on the Elimination of Sexism from Language* (Recomendação sobre a Eliminação do Sexismo na Linguagem (1990), Conselho da Europa)

DOYLE, Margaret, *The A-Z of Non-Sexist Language*, London, The Women's Press, 1997.

DUMAIS, Hélène, *Aide-mémoire en vue d'une rédaction non-sexiste*, Québec, Ministère des approvisionnement et services, 1993 .

GÜETO, Inmaculada Almahano, «El lenguaje jurídico administrativo alemán. Propuestas para una mayor igualdad lingüística», in MADUÑO, María Dolores Fernández de la Torre et al. (eds), *El Sexismo en el lenguaje*, Málaga, Servicio de Publicaciones CEDMA, vol. 2, 329-340, 1999.

MILLER, Casey/Kate Swift, *A Handbook of Nonsexist Language*, London, The Woman's Press (3rd edition, ed. Kate Mosse), 1995.

NIEDZWIECKI, Patricia, *Mulheres e Linguagem*, Comissão Europeia, Caderno de Mulheres na Europa n° 40, 1999.



Esdime  
<http://www.esdime.pt/>

Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género  
<http://www.cig.gov.pt/>; <http://www.cig.gov.pt/guiaoeducacao/>

Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego  
<http://www.cite.gov.pt/>

Observatório das Desigualdades  
<http://observatorio-das-desigualdades.cies.iscte.pt/>

Portal para a Igualdade  
<http://www.igualdade.gov.pt/>



## Para acabar... o nosso agradecimento a:

› Ana Santos; Rosa Gil, Isabel Pólvora; Maria de Fátima Rodrigues, Maria Luísa Barriga, Francisca Mariana Carvalho, Isabel Rosa, Fátima Palma, Maria Beatriz Sousa, Ana Maria Marques, Filomena Carrasquinho, Maria Ana Ruivo; Ana Bela Farinho, Ana Siopa, Luci Rocha, Telma Delgado, Ana Luisa Moitas, Ana Saleiro, Florinda Saleiro, Isabel Camões e Maria José Martins, educadoras de infância que, durante todo o tempo de duração do projecto, se assumiram como actoras e construtoras de uma nova forma de olhar, reflectir e trabalhar o ser/crescer das suas crianças numa perspectiva de igualdade e equidade de género.

› Antónia Gaspar – Animadora das Oficinas de Animação, que soube conquistar o espaço da igualdade no decorrer das suas propostas de reflexão, numa orientação de investigação acção que permitisse a consciencialização da necessidade da mudança no que respeita a esta temática.

› Clara Rodrigues, Maria José Simão do Rosário e Maria do Céu André – da equipa do Instituto Politécnico de Beja / Escola Superior de Educação, que acolheram a ideia e se assumiram como parceiras e interlocutoras privilegiadas, na concepção, execução, acompanhamento e avaliação das Oficinas de Animação

› Maria João Calado, Madalena Salgado e Maria José Silva que, em representação dos Agrupamentos de Escola de Castro Verde, Ferreira do Alentejo e Almodôvar, integraram a parceria do projecto, acompanhando o seu desenvolvimento, atentas às necessidades da sua execução, disponibilizando espaços e respondendo prontamente às solicitações e dúvidas que surgiram no caminho.

› Sílvia Baptista, Paulo Nascimento e Maria José Gamito que, em representação dos Municípios de Almodôvar, Castro Verde e Ferreira do Alentejo, integraram a parceria do projecto e se empenharam nas suas dinâmicas, no providenciar do apoio logístico e material sempre que solicitado.

› Jorge Serafim – contador de histórias que, com o seu humor e boa disposição, nos fez pensar e reflectir como as histórias que preenchem o nosso imaginário nos podem ajudar a crescer e a «deixar» crescer as nossas crianças, sem preconceitos, sem estereótipos, sem discriminar o/a outro/a.

› Natália Tost – «O Lado Esquerdo - editora», pelo entusiasmo que coloca nas suas actividades, nas histórias que nos faz desconstruir, nas dinâmicas que cria, na imaginação, entusiasmo e vida própria que atribuiu a esta pequena edição, no se acreditar que a igualdade de género, mais que uma necessidade, é algo que urge construir.

- › Fernando Pena e Rui Ramos que nas suas artes culinárias tão bem souberam envolver, pais, mães e outros familiares, na boa disposição da preparação e confecção de especialidades da nossa cozinha.
- › Teresa Alvarez e Ana da Silva que contribuíram decisivamente, com a sua experiência e o seu saber, para a mudança de atitudes e práticas no que respeita à utilização de uma Linguagem Inclusiva por parte do/as agentes educativos.
- › Isabel Benedito que agarrou as ideias e deu corpo à candidatura deste projecto.
- › Conceição Silva, Cláudia Palhinha, Clemente Tsamba, Cristiana Ramos, Madalena Camacho, Vera Lúcia, Diana Parent, Joanna Freer e Daniela Mendes pela sua disponibilidade e solidariedade na concretização de actividades do projecto, em especial no propiciar de momento lúdicos e criativos com as crianças, enquanto pais e mães participavam nas actividades.
- › Miguel Torres, Marta Silva, Pompeu José, José Rosa, Sandra Santos, Ilda Teixeira, Cajó Viegas e Rui Ribeiro – da Acert Teatro Trigo Limpo, que com muita disponibilidade, energia, imaginação e tranquilidade acrescentaram saberes aos jovens, rapazes e raparigas, e a todos/as – docentes e auxiliares - que se envolveram nas «oficinas de interpretação, construção e movimento» e contribuíram para a magia de uma noite que se iluminou para dar «asas à igualdade».
- › Paula Monteiro - entusiasta permanente, David Marques, Ângelo Nobre, Nuno Guerreiro, Célia Silva, João Carmo, Anna Carolina, António Coelho, João Ortiz, Joel Calado, Helena Santos, Zé Alexandre, Pedro Alves, Guilherme, André Gonçalves, e Pedro Godinho que incorporaram os ideias do projecto, dando corpo, forma e movimento à igualdade.
- › Banda Filarmónica de Ferreira do Alentejo, Grupo Coral «Os Rurais» de Figueira dos Cavaleiros; Grupos Corais «As Camponesas» e «Ganhões» de Castro Verde, grupo de Música Popular «Os Malteses», Grupo Coral «Vozes de Almodôvar», Grupo Coral Feminino de Santa Cruz e a todos os outros que, por indisponibilidade logística, não puderam comparecer, o entusiasmo e alegria de fazer parte deste evento colectivo, ensaiando à distância e unindo numa só voz, as suas vozes, pela igualdade entre homens e mulheres.
- › Comissão para a Cidadania e para a Igualdade de Género, pela disponibilidade sempre manifesta, ao nível da execução física, para esclarecer as nossas dúvidas, aceitar e validar as propostas de alteração à concretização dos objectivos do projecto.
- › Equipa do projecto que trabalhou para que as palavras escritas virassem mudanças e impactos.
- › Toda a equipa Esdime e à sua direcção e seus/suas colaboradores/as mais próximos/as, pelo carinho e boa disposição com que sempre acolhem as iniciativas pela igualdade de género no geral e as deste projecto em particular.

